

# ASPECTOS DA SINTAXE DE CLÍTICOS E ARTIGOS EM PORTUGUÊS\*

Heloisa Maria Moreira Lima Salles \*\*

## Introdução

**N**este estudo, examina-se a sintaxe de clíticos e artigos em português (e demais línguas românicas), considerando-se particularmente a hipótese de que a presença da contração entre a preposição e o artigo definido se correlaciona com a presença de clíticos pronominais no sistema lingüístico. Adotando o quadro teórico da gramática gerativa, em particular o programa minimalista de pesquisa (cf. Chomsky 1995; 1998), a análise demonstra que o fenômeno da contração entre a preposição e o artigo [P+art] tem um correlato sintático. Essa demonstração se faz pelo exame da extração do sintagma determinante introduzido por preposição em construções QU (interrogativas e relativas), em que se verifica o carreamento obrigatório da preposição em portu-

\* Uma parte da presente análise foi desenvolvida durante meu doutorado na Universidade do País de Gales (University of Wales), sob a orientação do Professor Doutor Ian Roberts, a quem gostaria de agradecer pelo apoio e pelas discussões, que em muito enriqueceram a análise e minha formação acadêmica. Agradeço também a Anna Roussou, Bob Borsley, Joseph Emonds, bem como à audiência do 4º Encontro do Celsul, onde a presente análise foi apresentada. Os equívocos são de minha inteira responsabilidade.

\*\* Universidade de Brasília.

guês, mas não em inglês. Considerando que clíticos têm sido analisados como a realização de traços-*phi* (isto é, traços de pessoa, gênero e número) em categorias funcionais, propõe-se uma correlação entre a presença de clíticos no sistema gramatical e a ocorrência da contração [P+art], analisada como a realização de traços-*phi* em núcleos preposicionais.

A discussão será desenvolvida como a seguir. Na próxima seção, será feita uma exposição acerca das implicações sintáticas da realização de traços-*phi* em núcleos preposicionais, considerando-se particularmente o contraste entre o português e o inglês na extração do DP introduzido por P em construções-QU (interrogativas e relativas); na primeira sub-seção, será proposto que a contração [P+art] é a expressão morfofonológica da operação *Agree*, que permite a eliminação de traços formais *phi* não-interpretáveis no núcleo preposicional (funcional); na seção seguinte, será considerado o desenvolvimento diacrônico de clíticos e artigos em português, apontando-se a origem comum e o fato de que compartilham a propriedade de poderem se cliticizar a um núcleo. Na conclusão, serão apontadas as implicações desse estudo para a identificação de artigos e clíticos como a categoria funcional Determinante, bem como para o estudo da variação paramétrica no que se refere às propriedades dessa categoria funcional.

## **O caráter sintático da contração entre a preposição e o artigo em português: evidência a partir da extração de *sintagma determinante* (DP) introduzido por preposição em construções QU**

Um aspecto interessante da sintaxe das preposições em português é o fato de, em construções-QU, a preposição ser carregada com a palavra-QU para, o início da oração (especificamente, para a posição de especificador do sintagma complementador/CP), isto é, a preposição não pode ficar órfã, conforme ilustrado em (1a) e (1b):<sup>1</sup>

1 Cabe destacar que no português do Brasil são encontradas ainda: (a) a chamada relativa cortadora, com apagamento de P; e (b) a relativa com o pronome lembrete (cf. Tarallo (1983)):

(i) A pessoa que eu preciso chegou.

(ii) A pessoa que eu moro com ela chegou.

É interessante notar que em inglês não é encontrada a construção com o apagamento de P (i) [The person that I talk \*(to)], embora seja possível a relativa com o pronome lembrete em (ii) (The man who, John saw him). Assim, no português do Brasil, o padrão é oposto: P pode ser apagada, mas não pode ocorrer órfã. Será demonstrado que tais fatos podem ser discutidos em termos da presente análise.

- (1) a. Com quem Maria falou.  
 a'. A pessoa com quem Maria falou.  
 b. \*Quem Maria falou com.  
 b'. \*A pessoa que Maria falou com.

Em inglês, todavia, são encontradas tanto a construção com a P-órfã, como aquela em que P é realizada juntamente com a palavra interrogativa/QU,<sup>2</sup> ilustradas em (2a) e (2b), respectivamente:

- (2) a. Who did Mary talk to.  
 a'. The person (that) Mary talked to.  
 b. To whom did Mary talk.  
 b'. The person to whom Mary talked.

Conforme ressaltado em Riemsdijk (1978), a ocorrência de P-órfã é uma opção marcada entre as línguas, cabendo indagar a razão da escassez do fenômeno. Entre as línguas indo-européias, é encontrada no grupo germânico: além do inglês, nas línguas escandinavas, e de forma restrita, no holandês e no alemão. Esse fenômeno tem sido amplamente discutido na literatura gerativa (Riemsdijk, 1978; Hornstein; Weinberg, 1981; Kayne, 1984; Radford, 1997; Salles, 1997; Law, 1998, entre outros).

Um aspecto recorrente em algumas análises é considerar que a possibilidade de deixar a preposição órfã decorre da formação de um complexo na sintaxe entre o verbo e a preposição – a reanálise [V+P]. Um problema é que a própria noção de reanálise entre V e P tem sido questionada: conforme observado em Baltin e Postal (1996), existem evidências de que o elemento na posição de objeto do complexo [V+P] não se comporta como um DP independente, mas antes como um objeto PP.

Por exemplo, existe uma assimetria no comportamento sintático do DP objeto e do PP objeto (notada em Ross, 1967, citada em Baltin e Postal, 1996), *a qual não seria de se esperar em face da reanálise*: conforme ilustrado em (3), o DP na posição de objeto de V, mas não na posição de objeto de P, pode sofrer deslocamento como DP pesado (*Heavy-NP shift*):

- (3) a. I discussed  $t_{[the\ problems...]}$  with Lorenzo the problems he was having ...  
 b. \*I argued with  $t_{[the\ driver's...]}$  about such problems the driver's union leader

2 Há que se ressaltar que, no inglês moderno vernacular, a construção com a preposição órfã é nitidamente preferida.



- (6) a. a necessidade *da* (\*de a) criança.  
 b. o interesse *no/pelo* (\*em o)/(\*per o) assunto.  
 c. a volta *aol* (\*a o) Brasil.
- (7) a. le besoin *des* (\*de les) enfants.  
 b. l'intêret *au* (\*à le) sujet.  
 b'. le retour *aux* (\*à les) Pays Bas.

Salles (1997; 2000), propõe que a contração entre a preposição e o artigo é a expressão morfofonológica da formação de um núcleo complexo na sintaxe: [P+D].<sup>4</sup> O caráter sintático dessa formação pode ser confirmado com dados do português: em construções infinitivas introduzidas por preposição (com sujeito lexical licenciado pela flexão do infinitivo), a contração [P+art] não ocorre (ou não é obrigatória), conforme ilustrado em (8a-b):

- (8) a. A necessidade *de as* crianças brincarem é clara.  
 b. O interesse *em o* assunto ser discutido é claro.  
 c. {<sub>pp</sub> P [<sub>CP</sub> C [<sub>IP</sub> (<sub>DP</sub> D NP) I ] ] }

Assumindo-se a configuração em (8c) para (8a-b) (cf. Rizzi, 1984; Figueiredo e Silva, 1994),<sup>5</sup> verifica-se que a contração obrigatória [P+art] só ocorre se D encontra-se na posição de complemento de P. Inversamente, se D não se encontra na posição de complemento de P, a contração não é obrigatória.

Assim, pode-se dizer que a contração entre a preposição e o artigo tem um correlato sintático, sendo encontrada sempre que as condições morfofonológicas permitirem (o que explica que não seja encontrada com certas preposições, e.g., *sobre a*). É interessante notar que o caráter sintático da contração é encontrado em outro contexto, a saber a forma *wanna*(= *want to*),

4 Adota-se a hipótese DP, segundo a qual NPs são projeções máximas de um núcleo funcional D, sendo D o locus da interpretação referencial do NP – o argumento referencial corresponde ao indivíduo (ou o conjunto de indivíduos) denotados pelo NP.

5 Silva (1994), motiva a posição da preposição por meio do contraste em (i). Assumindo que os Casos atribuídos sob regência exigem adjacência linear, demonstra que a interpolação do adverbial entre P e o DP não é possível se P atribui caso (oblíquo) ao DP; inversamente, se o DP não recebe caso de P (sendo nominativo), a interpolação é possível:

- (i) a. Ele deu o livro pra (amanhã) eu levar.  
 b. \*Ele deu o livro pra (amanhã) mim levar.

A noção de adjacência pode ser discutida em termos da formação do núcleo complexo [P+D]. Na próxima seção, será proposto que o núcleo complexo é formado pela operação *Agree* (cf. Chomsky, 1999), que licencia traços formais de Caso.

do inglês. Conforme ilustrado em (9), na presença de uma categoria entre os termos relevantes, a contração não é possível; inversamente, na ausência de um termo interveniente, a contração é possível:

- (9) a. who do you want  $t_{\text{WHO}}$  to/ \*wanna leave?  
 b. who do you want to/ wanna leave?

No caso da contração P+art, a posição do sintagma complementador/CP) dada a formação do núcleo complexo [P+D], a palavra QU, ao ser alçada para SpecCP para checar o traço EPP de C, carrega P. Nesse sentido, pode-se formular a generalização de que a impossibilidade de deixar a preposição órfã está condicionada a presença de contração [P+art]. Isso se confirma nas línguas românicas e germânicas, conforme ilustrado na tabela 1:

	+/- P-órfã	=/- contração [P+art/QU]
Românicas	-	+
Alemão <sup>6</sup>	-	+
Holandês <sup>7</sup>	-	+
Inglês	+	-
Escandinavas	+	-

Cabe então perguntar por que o núcleo complexo [P+D] é formado na sintaxe e quais são suas propriedades.

6 A contração entre a preposição e o artigo em alemão é notória, conforme ilustrado em (i) e (ii). Ignora-se o caso restrito de P órfã no alemão – ver Salles (1997, 2000) para uma discussão à luz da teoria proposta neste artigo:

- (i) as Interesse *am /an dem* Thema  
 o interesse em- o DAT tema  
 (ii) die Rückkehr *zum /zu dem* Bahnhof  
 o retorno a-aDAT estação

7 Em holândes, verifica-se a contração entre a preposição e a própria palavra QU. Ignora-se o caso restrito de P órfã no holandês – ver Salles (1997; 2000) para uma discussão à luz da teoria proposta neste artigo:

- (i) Waarmee snijdt Marjon het vlees?  
 O que-com corta M. a carne  
 Com que Marjons corta a carne?

## A contração entre a preposição e o artigo como uma instância da operação *Agree*

Uma forma de discutir a idéia de que a contração entre a preposição e o artigo tem um correlato sintático é considerar que o núcleo complexo [P+D] realiza uma versão da operação *Agree*. A operação *Agree* se define como um processo de checagem de traços *phi* não-interpretáveis de um núcleo funcional por traços-*phi* interpretáveis do *nome*, com o concomitante apagamento do traço de caso não-interpretável do núcleo nominal (Chomsky, 1998). Assim, *Agree* constitui um mecanismo de eliminação de traços não interpretáveis (e.g., traços fonológicos, traços *phi* de T, traço EPP de T), os quais são intolerados na interface Lógica ou Fonética. Traços intepretáveis (e.g., traços *phi* de N) são, por sua vez, acessíveis durante toda a derivação, tendo papel essencial na eliminação dos traços não-interpretáveis.

A idéia de propor a operação *Agree* no âmbito da projeção PP se apóia na constatação de que existem preposições flexionadas, particularmente na família celta. Em galês, por exemplo, a preposição recebe sufixo de pessoa e número sempre que o complemento da preposição é expresso por uma forma pronominal livre, conforme ilustrado em (10) – [gan ‘com’ + sufixo número-pessoal] + forma pronominal livre:<sup>8</sup>

- (10) a. gennyf fi (1ps)  
 b. gennyt ti (2ps)  
 c. ganddo fo (3ps)  
 d. ganddyn nhw (3ppl)

Assim, pode-se postular uma projeção em camada para P (PP shell), com um núcleo funcional *p* selecionando a projeção máxima do núcleo lexical P:<sup>9</sup>

8 Em irlandês, a preposição flexionada dispensa a presença da forma pronominal livre na posição de objeto de P. Embora o presente estudo esteja voltado para a comparação entre línguas do grupo românico e germânico, vale a pena ressaltar que a correlação entre a presença de traços *phi* em P e a possibilidade de deixar a preposição órfã se mantém no grupo celta, visto que as línguas desse grupo não admitem P-órfã. No irlandês, somente a forma flexionada pode ser deixada órfã.

9 A idéia de propor uma estrutura em camada para a projeção de P não é nova. Para uma versão, ver Koopman (1993).

(11)... [<sub>pp</sub> p (<sub>pp</sub> P XP)]

A operação *Agree* na projeção PP pode ter ainda um correlato em PF, o qual se manifesta com a presença de um traço EPP em *p*. No sistema de Chomsky (1998), o traço EPP, originalmente associado ao princípio de que toda oração tem um sujeito (Extended Projection Principle), é um traço formal não-interpretável (assim como traços fonológicos, traços *phi* de T) – a interpretabilidade dos traços formais sendo considerada uma propriedade de L (língua). Sua presença em uma dada categoria funcional está sob variação e sua eliminação é obrigatória, o que pode ser feito no contexto da operação *Agree* produzindo um efeito de deslocamento de categoria., mais especificamente pela realização da posição de especificador por um XP.

Propõe-se, no presente estudo, que o traço EPP, na projeção PP, pode ser checado de duas formas:

- (i) pelo movimento de D para *p* (através de P), expresso na contração [P+art] sempre que as condições morfofonológicas permitirem;
- (ii) pelo movimento de DP para *specp*, produzindo configurações posposicionais, encontradas em alemão e em holandês (línguas que têm também preposições).<sup>10</sup>

Uma consequência sintática da operação de checagem do traço EPP por meio de (i) é o carreamento de P em construções QU (cf. (1)). Nesse sentido, em línguas como o inglês, o traço EPP não é encontrado, do que decorre a possibilidade de deixar a preposição órfã em construções QU.

Conforme destacado em Salles (1997), um aspecto essencial para a ocorrência do processo em (i) é a presença de traços *phi* no artigo definido – assume-se que as propriedades de concordância dentro do sintagma nominal garantem que a checagem do traço EPP (bem como dos traços *phi* não-interpretáveis no núcleo preposicional) seja feita através da categoria D, em particular o artigo. A presença de traços *phi* no artigo pode ser vista como uma experiência eliciadora do parâmetro que determina a presença do EPP no núcleo preposicional. Nesse sentido, na ausência de traços *phi* no artigo, o parâmetro é marcado negativamente (configurando-se a situação *default*) – é exatamente o que ocorre em inglês.

<sup>10</sup> Um aspecto interessante da sintaxe de PP em alemão e holandês é que a escolha entre pre e posposição é determinada pela interpretação aspectual do predicado (a esse respeito, ver Helmantel, 1997). Assim, a presente análise se aplica naturalmente: em face da presença do traço EPP, a escolha entre o processo (i) e (ii) é condicionada.

Quanto à contração [P+art], pode-se dizer que se trata da realização de traços *phi* em P, por cliticização, em condições morfofonológicas específicas. Conforme sugerido em Salles (1997), esse fenômeno pode ser comparado à cliticização pronominal em português e nas demais línguas românicas, se analisado como a realização de traços *phi* em um núcleo funcional, como tem sido proposto na tradição gerativista. A correlação entre as propriedades dos clíticos objeto e dos artigos será discutida na seção a seguir.

## Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português: evidência da diacronia

A discussão a respeito da sintaxe de clíticos e artigos em português (e demais línguas românicas) necessariamente remete ao fato de que ambos se originam da mesma categoria em latim, no contexto da perda da morfologia de caso. Além disso, a presença de clíticos e artigos em todas as línguas românicas sugere que o surgimento dessas categorias é relacionado, tendo ocorrido na transição do latim clássico para o proto-românico. Essa identificação, há muito apontada nos estudos gramaticais, tem conseqüências teóricas interessantes: no âmbito da gramática gerativa, é particularmente relevante na postulação de categorias funcionais – *D(eterminer)*, *C(omplementizer)*, *I(nflection)*, na medida em que constitui evidência para se atribuir estatuto categorial idêntico a artigos e clíticos, em termos da hipótese DP.

A hipótese DP tem sido amplamente adotada na literatura gerativa: postula que o NP é licenciado na posição de objeto do núcleo funcional D, sendo D o locus da interpretação referencial do NP – o argumento referencial correspondendo ao indivíduo (ou o conjunto de indivíduos) denotado pelo NP. Conforme destacado em Vincent (1997, p. 151), a maioria das línguas românicas parecem oferecer um argumento particularmente direto em favor dessa hipótese, pelo fato de que existe mais ou menos total sobreposição morfológica nas formas do artigo e dos clíticos objeto.<sup>11</sup> Esse fenômeno está ilustrado na tabela 2, a seguir, extraída de Vincent (1997, p. 151):

11 Traduzido de: “[...] most of the Romance languages seem to offer a particularly direct argument in favour of the DP hypothesis in that they there is more or less total morphological overlap in the forms of the article and the object clitics.”

		Masc. sg	Fem. sg	Masc. pl.	Fem. pl.
<i>Italiano</i>	artigo	i	la	i	le
	clítico	l'	la	l'	le
<i>Francês</i>	artigo	le	la	les	les
	clítico	le	la	les	les
<i>Português</i>	artigo	o	a	os	as
	clítico	o	a	os	as

No presente estudo, considera-se que essa sobreposição não só reflete a origem comum, como também tem conseqüências para o licenciamento sintático dessas categorias. Conforme sugerido na seção anterior, as características morfofonológicas de clíticos e artigos em português (e nas demais línguas românicas) têm implicações para o licenciamento do DP.

O desenvolvimento de clíticos e artigos nas línguas românicas é examinado por Vincent (1997, p. 149) para quem “os diferentes padrões de realização morfológica dos clíticos de 3ª. pessoa (os quais sempre se originam de *ille*, do latim) e dos artigos (originários ora de *ille*, ora de *ipse*, do latim) refletem dois desenvolvimentos independentes e convergentes, um envolvendo a relação verbo-objeto e o outro envolvendo a relação oração-sujeito”.<sup>12</sup> Assim, enquanto o artigo se origina em sujeitos (pela gramaticalização do tópico, no qual o elemento pronominal *ille* tem a função original de apontar para um novo item no texto),<sup>13</sup> o clítico surge como uma cópia pronominal (um resumptivo), marcando o objeto (por oposição à não marcação do sujeito), em face da perda da morfologia de caso, e em posição pós-verbal, dada a conjugação de dois fatores: a regra existente de colocação do pronome dito *fraco*,<sup>14</sup> na segunda posição (Wackernagel) e a gramaticalização do movimento do verbo para a primeira posição.

O caráter convergente do desenvolvimento de clíticos e artigos diz respeito à perda das propriedades dêicticas da categoria *ille* (e *ipse*) do latim e à retenção do traço de referencialidade. A análise proposta no presente estudo aponta ainda para a convergência em termos da propriedade de realizar traços

12 Traduzido de: “[...] the different patterns of morphological realization of the third-person clitics (which always derive from Latin *ille*) and articles (sometimes from *ille* and sometimes from *ipse*) reflect two independent and convergent developments, one involving the verb-object relation and one the clause-subject relation.”

13 A baixa freqüência de formas pronominais *ille* (e *ipse*) em posição de objeto é considerada por Vincent evidência para situar o desenvolvimento do artigo na posição de sujeito.

14 Adota-se a distinção entre pronomes fortes, fracos e clíticos, conforme formulada em Cardinaletti e Starke (1994).

*phi* em um dado núcleo, um fenômeno associado à operação *Agree* e ao traço EPP. O licenciamento do DP objeto de P foi discutido na seção anterior, em termos da formação do núcleo complexo [P+D], decorrente da presença do traço EPP no núcleo funcional da projeção preposicional, uma condição da interface PF, o que explica que tenha um reflexo em PF: a contração [P+art], encontrada sempre que as condições fonológicas permitem.

Quanto ao licenciamento dos clíticos, a tradição gerativa tem assumido que são realizados em núcleos funcionais acima de VP, havendo variação translingüística quanto à categoria funcional relevante:

$$(12) [_{XP} [cl [F]] \dots [_{VP} V \dots]]$$

Nesse sentido, o clítico pode ser visto como a realização de traços *phi* em um núcleo funcional, o que pode ser comparado à contração [P+art], tal como analisada no presente estudo. Além disso, cabe indagar o que leva a categoria pronominal D a realizar-se na projeção funcional. Assumindo-se a linha de raciocínio desenvolvida nesse estudo, pode-se falar em um traço EPP, o que parece plausível, dado que esse traço tem sido analisado como uma condição da interface PF, o que justifica que seja satisfeito por elementos definidos em termos de propriedades prosódicas, como os clíticos.

Retomando-se a correlação ilustrada na tabela 1, em que a presença da contração [P+art] implica a impossibilidade de deixar a preposição órfã, verifica-se que o contraste se mantém, se considerada a presença de clíticos no sistema pronominal e a contração [P+art], conforme ilustrado na tabela 3:

	+/-[P+art]	+/-clíticos
Românicas	-	+
Alemão	-	+
Holandês	-	+
Inglês	+	-
Escandinavas	+	-

Assim, pode-se dizer que a variação translingüística se refere à possibilidade de realizar traços *phi* em um dado núcleo, o que permite unificar clíticos e artigos em termos da propriedade de cliticização, nas línguas românicas. Um corolário dessa correlação é a presença de traços *phi* no artigo.

A comparação entre as tabelas 1 e 3 permite que se faça a correlação entre a presença de clíticos pronominais e a ocorrência de P órfã. Em inglês, a perda de clíticos pronominais coincide com o surgimento das estruturas com P

órfã. Igualmente, em línguas escandinavas, clíticos pronominais não são encontrados e P pode ficar órfã. Nas línguas românicas, no alemão e no holandês, verifica-se o padrão oposto: clíticos pronominais são encontrados e P não pode ficar órfã.

Cabe ainda considerar a perda do clítico acusativo de 3ª pessoa p no português do Brasil (PB). Note-se, porém, que esse aspecto não invalida as correlações realizadas no presente estudo, dado que clíticos de 1ª pessoa (e de 2ª pessoa) são ainda encontrados no PB. Naturalmente, há que se considerar que a presente análise apóia-se na discussão acerca do desenvolvimento de clíticos e artigos nas línguas românicas, a qual enfoca particularmente as formas de 3ª pessoa. Entende-se, porém, que a sintaxe do pronome objeto de 3ª pessoa no PB é um desenvolvimento posterior, tendo surgido no contexto de outras transformações.

Uma forma de analisar essa questão é considerar que as propriedades identificadas na categoria D (por exemplo, a presença de traços *phi*), em português e nas línguas românicas, são necessárias, mas não suficientes, para a manifestação das correlações formuladas. Em particular, é preciso haver as condições eliciadoras dos processos de cliticização sintática, as quais estão formuladas no presente estudo em termos da presença do traço EPP, na projeção PP e na categoria funcional relevante, acima de VP.

O fato de que em PB a perda dos clíticos atinge a 3p, mas não a 1p (e a 2p) sugere uma situação de bifurcação no sistema gramatical. A situação de bifurcação do sistema gramatical, particularmente no que se refere às pessoas gramaticais, encontra paralelo, por exemplo, nos casos de ergatividade bifurcada, em línguas australianas. O exame dessa hipótese foge ao escopo do presente estudo, razão pela qual deixamos para investigação futura.

## Conclusão

No presente estudo, examinou-se a correlação entre a sintaxe de clíticos e de artigos em português. Demonstrou-se que o fenômeno da contração entre a preposição e o artigo tem um correlato sintático, tendo sido analisado em termos de um processo de cliticização do artigo no núcleo preposicional, sempre que as condições morfofonológicas permitem. Essa análise permitiu formular um paralelo entre artigos e clíticos pronominais, corroborando uma relação que se manifesta no desenvolvimento diacrônico dessas categorias, bem com a idéia de lhes conferir um estatuto categorial idêntico, em termos da hipótese DP.

O estudo, formulado no quadro teórico da gramática gerativa, em particular nos termos do programa minimalista de investigação lingüística, vem oferecer elementos para confirmar a hipótese de que a variação lingüística se manifesta nas propriedades de núcleos funcionais.

## RESUMO

Examina-se a sintaxe dos artigos em português (e demais línguas românicas), demonstrando-se que a contração entre a preposição e o artigo [P+art] é a expressão morfofonológica da operação *Agree*, que licencia o sintagma determinante (DP) na posição de objeto da preposição, mediante a checagem de traços *phi* (pessoa, gênero, número). Argumenta-se que essa operação é realizada por movimento de núcleo, formando o núcleo complexo [P+D] na sintaxe, o que explica que a preposição seja carreada obrigatoriamente nos deslocamentos de sintagmas interrogativos (QU) e impede o fenômeno da preposição órfã. Considerando-se que clíticos têm sido analisados como a realização de traços-*phi* em categorias funcionais, propõe-se identificar clíticos e artigos em termos dessa propriedade, conferindo-se ao Determinante nas línguas românicas o caráter de clítico sintático, uma propriedade sob variação entre as línguas.

*Palavras-chaves: Clíticos, artigos, preposições, caso.*

## ABSTRACT

The present study examines the syntax of articles in portuguese (and other romance languages). It is shown that the coalescence between the preposition and the article [P+art] is the morphophonological expression of the *Agree* operation, which licenses the determiner phrase (DP) in the object position of the preposition under *phi*-features checking (person, gender, number). It is argued that this operation is realized under syntactic head movement, forming a complex head [P+D], which in turn requires the preposition to be pied-piped in the movement of interrogative phrases (WH), blocking preposition stranding. Given that clitics have been analysed as the realization of *phi*-features on functional heads, an identification between articles and clitics is proposed,

assigning a clitic *status* to Determiners in Romance, a property under variation crosslinguistically.

*Key-words: clitics, articles, prepositions, case.*

## REFERÊNCIAS

- BALTIN, M.; POSTAL, P. M. (1996). Remarks and Replies. *Linguistic inquiry*, n. 27, p. 127-145.
- CARDINALETTI, A.; STARKE, M. (1994). *The typology of structural deficiency: on the Three Grammatical Classes*. No prelo.
- CHOMSKY, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- \_\_\_\_ (1998) *Minimalist inquiries*. Cambridge; Mass: MIT Working Papers.
- HELMANTEL, M. (1997). *Aspect and adpositions: the Point of View of Dutch and German*. Ms. University of Leiden.
- HORNSTEIN, N.; WEINGERG, A. Case theory and preposition stranding. *Linguistic inquiry*, n. 12, p. 55-92, 1981.
- KAYNE, R. (1984). *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht: Foris, 1984. p. 103-23.
- \_\_\_\_. (1994). *The antisymmetry of syntax*. Cambridge; Mass.: The MIT Press.
- KOOPMAN, H. (1993). *The structure of Dutch PPs*. Ms. UCLA.
- RADFORD, A. *Syntactic theory and the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- RIEMSDIJK, H. (1978). *A case study in syntactic Markedness – the binding nature of prepositional phrases*. Dordrecht: Foris.
- RADFORD, A. (1997). *Syntactic theory and the structure of English – a minimalist approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SALLES, H. *Prepositions and the syntax of complementation*. 1997. Dissertation (Ph. D.) - University of Wales-Bangor.

\_\_\_\_\_. (2000). *A sintaxe de pre- e posposições em línguas germânicas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Comunicação ao Encontro Nacional da ANPOLL.

TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Pennsylvania, 1983. Dissertation (Ph. D.) - University of Pennsylvania.

VINCENT, N. (1997). The Emergence of the D-system in Romance, In: VINCENT, N.; KEMENADE, V. (Orgs.). *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 149-169.